

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF)**

Grupo de Trabalho 19: Literatura e Ciências Sociais

**O cotidiano na cultura digital e a leitura como prática cultural: um estudo  
de caso sobre os "Itinerários Literários Virtuais"**

Mauricio Nascimento dos Santos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

## **Introdução**

A inovação na era digital, segundo Isaacson (2014), teve em cena várias forças pessoais, culturais e históricas. O computador – originado ainda no século XIX, por inspiração da ciência-poética de Ada Lovelace, artífice de seu tempo, criadora do primeiro programa de computação – e a internet, que possibilitou a conexão do mundo em redes globais de instrumentalidade, foram as grandes inovações de nosso tempo, dentre tantas outras que nos cercam atualmente. A comunicação mediada por computador nos conduziu, por meio da migração digital, diz Lorenzo Vilches (2001), a um novo espaço social formado por sujeitos interconectados, o ciberespaço, um novo meio de comunicação que surge da interconexão dos computadores com a cibercultura, compreendida por Levy (2012) como um fino enredamento de todos os horizontes em um único e imenso tecido aberto e interativo, em uma situação inédita na qual o transbordamento caótico de informações não tem um fundo sólido sob este oceano de informações. São novos espaços sociais virtuais: das plataformas e das redes sociais, da conectividade e interatividade, da mobilidade. Novos artefatos culturais passaram a fazer parte da vida cotidiana de grande parte da população mundial, resultando numa cultura-mundo, como denominou Lipovetsky (2011), que mudou as relações estabelecidas entre o produtor-consumidor, em que esse mesmo binômio pode ser estendido também à escritura-leitura, como aponta Certeau (2013), criando novas dimensões humanas e modificando os modos de ser e de estar na sociedade contemporânea.

Na busca de soluções para desbravar novos territórios como um bom artífice, seguindo o que diz Richard Senett (2013), o cotidiano surgiu como uma alavanca do conhecimento e um percurso teórico-metodológico, assumindo um lugar de decifração de enigmas sociais. Ou seja, para Pais (2003), o desafio do pesquisador da sociologia da vida cotidiana é ter um olhar social informado e uma postura de decifrador social. Entramos por um caminho do desvendamento dos tempos que nos regem, nas sutilezas desse campo de mistérios e ocultações da realidade social, diz Martins (2014), em que a imaginação sociológica encontra seus grandes desafios teóricos e investigativos.

Como arteção intelectual, nesta pesquisa, olhou-se para a realidade social, compondo com esse cenário de transformações socioculturais de grande magnitude - em que os efeitos sísmicos ainda passam despercebidos - e analisamos os fragmentos desse real social a partir do estudo de caso sobre o experimento "Itinerários Literários Virtuais: Guimarães Rosa". Esse é um projeto que visa ampliar as experiências estéticas literárias de seus participantes, por meio de leitura e análises de obras literárias e do uso, contextualizada, de ferramentas tecnológicas, buscando a construção de sentido dos textos e a troca com outros leitores visando o aperfeiçoamento das capacidades e habilidades de leitura e escrita em novos modos de interatuar com o conhecimento.

Além disso, neste experimento buscou-se também avaliar a incorporação das tecnologias na formação do leitor literário, analisar os limites e potencialidades de uma ação a distância, assim como, a eficácia das estratégias formativas presenciais e virtuais, a partir da exploração de diferentes ferramentas tecnológicas que pudessem estender o acesso a conteúdos e ampliar a experiência leitora. A partir da investigação e avaliação deste experimento inicial os "Itinerários" serão propostos, diz Medrano (2014), para professores do ensino fundamental, outros profissionais da educação e demais interessados de outras áreas. Também poderá ocorrer sobre outros autores, com o intuito de ampliar a formação literária relacionando o universo do livro impresso com o universo do livro digital em uma comunidade de leitores. O primeiro experimento ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2014, organizado pela Comunidade Educativa CEDAC, uma organização não governamental, que elabora e executa projetos de formação de profissionais da educação e mobilização social pela educação, produz publicações para subsidiar a prática de formação e para sistematizar e socializar o conhecimento construído. Oferece também, assessoria a gestores públicos e avalia projetos sociais. Atua nos segmentos da Educação Infantil e Básica, nas áreas de língua portuguesa, matemática, educação ambiental, artes visuais, gestão escolar e educacional com projetos locais e regionais, envolvendo ações presenciais e a distância.

A investigação dessa experiência ocorreu na plataforma de ensino a distância em que o projeto foi desenvolvido, por meio de uma etnografia virtual

e de uma abordagem fenomenológica das interações sociais, que são compreendidas, diz Pais (2003), como significados subjetivos da ação social, constituindo-se em pontos de referência básicos da sociologia da vida cotidiana.

[...]os fenômenos sociais objectivos devem ser vistos à luz da subjetividade dos actores sociais: quer no que se refere às atitudes, aos desejos, ou às definições de situação. Sem a consideração dos componentes subjectivos, as correlações objectivas são, para os fenomenólogos, descrições artificiais da realidade. (PAIS, 2003, p. 98)

Nesta aproximação se queremos falar de fatos sociais deve-se provocar onde o subjetivo e o objetivo se cruzam no que acontece na percepção imediata,

[...]antes que os inputs dos sentidos seja conceptualmente racionalizados. A percepção não transformada em conceitos é a forma das coisas. Assim, os significados dos fenômenos sociais estariam contidos nas suas formas, do mesmo modo que a concha de um molusco é a cristalização de polígono de forçar que actua sobre as moléculas fluidas quando a concha se forma. (PAIS, 2003, p.98)

Para complementar as informações observadas e os contornos do estudo de caso foram realizadas entrevistas em profundidade com a equipe criadora e gestora da instituição que elaborou e participou da iniciativa analisada.

A escolha de uma abordagem de análise qualitativa com inspiração etnográfica, levou em conta, como afirma Frago (2013), que esta é uma das metodologias mais apropriadas para o estudo empírico na internet. No qual o contexto e as culturas se desenvolvem e se inscrevem conversações, práticas e negociações simbólicas. A observação sistemática, a investigação e a interpretação nos ajudam a decompor e desvendar padrões de comportamento sociais e culturais neste novo espaço social. A percepção de que as técnicas etnográficas poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e das comunidades agregadas via internet migraram/transitaram dos grupos contituídos off-line para os espaços ou formações sociais compostas apenas por relações on-line. Com o redimensionamento das dimensões de espaço e tempo pelas tecnologias de informação e comunicação, as transformações diretas no fazer etnográfico introduziram uma nova terminologia, a etnografia virtual, em

que, a construção do campo se dá a partir da reflexividade e da subjetividade em vez de serem constitutivos da realidade social. O ciberespaço, torna-se um novo campo de pesquisa para o cientista social. Dessa forma, a etnografia virtual contribui para a compreensão do papel e da complexidade da comunicação mediada por computador e das tecnologias de informação. Segundo Christine Hine *apud* Fragoso (2013) a etnografia virtual se dá no/de e através do on-line e nunca desvinculada do off-line acontecendo através da imersão e do engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio. A narrativa acontecerá a *posteriori* dos fatos, proporcionando densas descrições.

A observação e a narração dos detalhes constituem o que apontou, Clifford Geertz (2011), como descrição densa e o relato etnográfico como resultante de múltiplas textualidades. Os limites desta abordagem estão na reflexão sobre o papel do pesquisador, tanto sobre os níveis de engajamento, quanto de interação com os grupos sociais, em termos éticos, em que o recorte da análise no campo redimensiona o papel subjetivo do mesmo.

A metodologia de estudo de caso foi escolhida, como estratégia para esta pesquisa por sua contribuição, segundo Yin (2003), para se compreender fenômenos sociais complexos, permitindo uma investigação que se preserve as características holísticas e significativas dos eventos da vida real como os ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores. Seguindo Yin (2013), as questões centrais desta investigação se situam sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle. Um estudo de caso, segundo o autor, compreende uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo, dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Neste esforço de conhecer os contextos das relações sociais no real social, buscou-se ir tecendo uma relação micro e macroestrutural, na perspectiva de uma Sociologia da vida cotidiana, para entender as consequências, mais do que os impactos, da cultura digital no mundo contemporâneo, no cotidiano e na leitura como prática cultural.

A constituição da cultura digital neste século, ocorreu por um engendramento de acontecimentos num processo social de longa duração não-planejado nessa teia relações e interações sociais que é a sociedade. Novas maneiras de pensar, agir e sentir coletivamente exteriores aos indivíduos encontram-se em curso neste momento, são os fatos sociais, como afirmou Durkheim (2014), objeto de estudo de sociologia.

A leitura, enquanto uma prática cultural tão comum em nosso cotidiano, é pouca questionada, segundo Roger Chartier (2009). A linguagem oral e o conhecimento estão na vida cotidiana e a primeira é considerada, segundo Pais (2003), enquanto atribuições de significações particulares a comportamentos habituais. A expressividade humana é capaz de objetivações, afirma Berger (1974), e pode se manifestar em produtos da atividade humana, que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, são elementos constituintes de um mundo comum. Estas objetivações dos processos subjetivos de seus produtores permitem que se estendam, além da situação face a face, podendo ser diretamente apreendidas. Assim, a leitura e conseqüentemente a escrita surgem como práticas culturais centrais da sociedade humana. A importância da leitura, e conseqüentemente da linguagem oral, enquanto uma prática cultural na vida diária se entende, como diz Miguel Beltran *apud* Pais (2003), como uma realidade com significados compartilhados intersubjetivamente e expressos na linguagem, entretanto não são simplesmente crenças ou valores subjetivos, mas elementos constitutivos da realidade social.

A literatura surge então como uma manifestação universal de todos os homens, em todos os tempos, comenta Cândido (2011), numa relação tão próxima à linguagem oral e à escrita. Já a leitura, enquanto prática cultural, ao longo da história passou por algumas rupturas, como, por exemplo, a mudança tecnológica que levou a passagem da leitura horizontal do pergaminho na Idade Média, para o *códex* ou *códice* – isto é, livros com páginas que são viradas em oposição aos rolos de papiro que são desenrolados – como afirma Chartier (1999), que inspirou o livro moderno. Transformou a experiência da leitura, em que a página surge como unidade de percepção, diz Darton (2010) e os leitores tornaram-se capazes de folhear um texto claramente articulado. O

texto eletrônico, veio com o advento das tecnologias de informação e comunicação, foi uma outra ruptura, mantendo as características do *códex* mas sem o objeto impresso, e com a leitura somente através da tela, algo inédito na história humana. Com a leitura aprende-se e aparecem interrogações para se descobrir formas e processos de acesso ao escrito. Descobertas, estás que surgem de um conjunto de contrastes discernido tanto no material histórico quanto na observação contemporânea, afirma Chartier (2009). Como uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende, diz Hébrarb (2009), a leitura pode ser mais facilmente pensada como um processo de confirmação cultural; será sempre apropriação, invenção e produção de significados, para Chartier (1999), sendo que o leitor segundo Certeau (2014) é um caçador que percorre terras alheias.

Foram essas e outras descobertas nesse caminho que se fez ao caminhar que levaram a uma sociologia no âmbito da arte e não da coisa e da produção. A literatura, segundo Martins (2014), se aproxima muito mais do fazer sociológico e o experimento dos “Itinerários Literários Virtuais” possibilitou este prazeroso encontro entre as tecnologias de informação e comunicação, a leitura como prática cultural e a literatura, possibilitando um inovar no fazer sociológico deste pesquisador e se constituindo numa fonte potente de ampliação de repertório cultural de seus participantes. Com o aparecimento na esfera cultural e social do novo meio de expressão e relacionamento social que a Internet e o digital representam, diz Bertolo (2014), alguns dos pressupostos anteriores do texto – como a literatura pública, a edição como sistema de legitimação e a usurpação do memorável pelas elites – estão sendo questionados e alterados nesse novo contexto social, por isso a significância de novas experiências, com a dos “Itinerários”, que possibilitem novos acessos e usos.

A inspiração para esta pesquisa surgiu das inquietações deste sociólogo de compreender o espírito de seu tempo, com o intuito de espreitar o futuro incerto que nos aguarda neste século, diante de tantas transformações tecnosocioculturais, da escassez dos recursos naturais e da degradação da biosfera planetária. Como chegamos até este estágio do desenvolvimento humano, quais são as alternativas de saídas e as possibilidades de superação foram as questões que motivaram esta investigação. Para isso, olhou-se para a

vida cotidiana, em que as tecnologias de informação e comunicação – através das inovações da segunda década do século XXI – estão proporcionando, na relação simbiótica entre o homem-máquina, novas práticas culturais e mudanças significativas no real social, nos indivíduos, na sociedade e no planeta. Tentou-se criar um holograma das transformações dos sujeitos, da sociedade e do planeta, neste novo contexto da cultura digital, com o intuito de mostrar os circuitos dialógicos que nos envolvem. Houve também um esforço de articular dialogicamente diversos saberes multidisciplinares para ler o contexto atual das relações sociais de forma holística, passando pela Sociologia, Antropologia, Comunicação, Educação, Literatura, História, dentre outros, numa tentativa de dar conta da complexidade dos fenômenos sociais, tendo em vista que o nosso mundo real não é compartimentado, mas interligado. Por isso, pode-se afirmar em alguma medida a intenção de dar um caráter transdisciplinar à presente pesquisa. Com um olhar para esses saberes e para os fragmentos sociais, teceu-se um *patchwork* para compreender a temporalidade do real social e o espírito do nosso tempo.

### **Um percurso para novas aprendizagens: os “Itinerários Literários Virtuais”**

No cenário de grandes transformações socioculturais vividas pela humanidade no século XXI, a educação foi uma das esferas do saber na qual as relações entre o professor e o aluno, em seus vários âmbitos, foram modificadas substancialmente pelas tecnologias de comunicação e informação.

A cultura digital passou a fazer parte da vida cotidiana da comunidade escolar e novas práticas culturais surgiram neste novo contexto, no qual as relações de ensino e aprendizagem e a realidade social passam a ser mediadas pelo uso das tecnologias digitais. Nesse cenário desafiante, se insere o presente estudo de caso sobre o experimento dos “Itinerários Literários Virtuais”, organizado pela Comunidade Educativa CEDAC.

A educação surge transversalmente nesta pesquisa, enquanto área central de constituição de nossa identidade individual e coletiva. E, como diz Damásio (2007), também é uma área da atividade humana na qual

[...] se manifestam em paralelo formas e contextos tão diferentes de uso da tecnologia, e encontramos



representados conteúdos tão variados. [...] A educação é um objeto privilegiado para compreendermos de que forma é que se estão a transformar as nossas fronteiras sociais e culturais, e, conseqüentemente, a redesenhar a nossa experiência subjetiva e a nossa identidade. (DAMÁSIO, 2007, p.16)

Uma formação realizada em situação de leitura compartilhada, diz Colomer *apud* Medrano (2014), é importante, pois

[...] compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa sinta-se parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (MEDRANO, 2014, p.2)

Os usos das ferramentas tecnológicas são amplamente difundidos nos contextos sociais, segundo Medrano (2014), mas o mesmo não ocorre no contexto escolar. Para Ferreira *apud* Medrano (2014) *“as instituições escolares são altamente conservadoras, resistentes à incorporação de novas tecnologias que signifiquem uma ruptura com as práticas anteriores”*. Para a autora, esta realidade precisa mudar para que a escola se aproxime das práticas sociais reais e atue em consonância com a modernidade.

A proposta dos Itinerários Literários Virtuais coloca a possibilidade do uso das novas tecnologias digitais pelos professores, demais profissionais da educação e interessados de outras áreas de maneira contextualizada, para compartilhar opiniões, organizar informações, acessar dados, produzir conclusões etc., rompendo barreiras e possibilitando novas habilidades e avanços nas competências tecnológicas.

Maria Tereza Adruetto *apud* Medrano (2014) dirá *“Los nuevos textos - libro electrónico, hipertexto e hipermedia – requieren nuevos procesos de pensamiento, nuevas capacidades y habilidades de lectura, nuevos tipos de conocimientos y el dominio fluido y seguro de diferentes estrategias para optimizar seu uso.”*

Os universos do livro impresso e digital se relacionam, para Medrano (2014), tendo em vista que um leitor competente atualmente precisa ler o texto em qualquer suporte e circunstância.

Os Itinerários permitem conjugar leitura em papel e leitura e escrita em tela, proporcionando desenvolver, ao mesmo tempo, competências literárias e habilidades de leitura em novos formatos textuais e novos modos de interagir com uma grande quantidade de informações disponíveis.

Os Itinerários Literários Virtuais se constituem, neste sentido, em uma experiência que envolve a leitura e a literatura, consideradas, sobretudo como linguagem – que possui uma capacidade de se tornar um repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que podem ser conservadas no tempo e transmitidas às gerações seguintes – numa plataforma de ensino a distância, com o uso de diversas ferramentas tecnológicas atuais, visando à ampliação do repertório cultural de seus participantes e também à promoção de novas aprendizagens de usos destes novos recursos tecnológicos disponíveis na cultura digital.

Dentre todas as práticas culturais encontradas na vida cotidiana, a da leitura é de suma importância na construção da realidade social. A literatura, por sua vez, é uma das formas mais importantes de repositório da sociedade ocidental e, se acessada, poderá ampliar o repertório cultural dos participantes e sua visão de mundo.

Com base na perspectiva metodológica da vida cotidiana como bússola - e como bom artífice que utiliza soluções para desbravar novos territórios, diz Senett (2013) – o estudo de caso realizado teve a curiosidade de buscar entender tanto o “Como” quanto o “Porquê”, partindo, assim, de uma lógica da descoberta, dentre elas destacam-se as práticas de leitura, como prática cultural e sua importância na vida cotidiana ao longo da história humana.

Os Itinerários Literários Virtuais *“têm este nome pensado na ideia de que seriam possíveis percursos individuais para as pessoas”*, afirmou o entrevistado B. Foi construído, segundo o entrevistado A, *“de um jeito muito construtivista de aprendizagem, em que as escolhas foram pensadas e repensadas considerando como o sujeito aprende”*. De forma geral, três dimensões permearam a concepção dos Itinerários: a primeira é a da literatura para o participante, o acesso pessoal ao universo cultural e a esta estrutura da literatura, que é importantíssima, como diz Antonio Cândido; a segunda se refere a como estou aprendendo com este curso, ou seja, a como se aprende; e a terceira está ligada a como ensino literatura para o outro, para que serve e

para que se ensina literatura. Com os Itinerários, *“chegou-se a uma estrutura básica de curso que poderá servir para outros autores e virar uma tecnologia social, podendo ser utilizada com diferentes gêneros literários, seguindo o mesmo caminho”*, afirma o entrevistado B.

O experimento analisado foi realizado a partir da plataforma de ensino a distância Moodle<sup>1</sup>, durante oito semanas, nos meses de setembro e outubro de 2014. Como o tempo tem se tornado um recurso escasso na vida cotidiana da grande maioria das pessoas atualmente, foram previstos, segundo o entrevistado B, esses dois meses por ser um período considerado bom para se conseguir o envolvimento dos participantes. Além disso, por se tratar de um curso que surge para a ampliação do repertório cultural, a ideia foi que ele demandasse pouco tempo, semanalmente, para garantir uma participação mais efetiva - sendo que o ideal era que os participantes dispusessem de duas horas semanais.

A realização das atividades se organiza em materiais digitais, ou seja, documentos de orientação e estudo, e ferramentas tecnológicas digitais - como Dipity<sup>2</sup>, para a construção de uma linha do tempo para contextualizar historicamente o autor e sua obra, e o Scoop-it<sup>3</sup>, para organizar e compartilhar informações e conteúdos disponíveis na internet, dentre outras. No espaço de interação virtual encontram-se os fóruns de discussão assíncronos e a discussão síncrona aconteceu através da mediação de dois Hangouts<sup>4</sup>, que foram realizados entre o meio e o final do curso, para balizar e garantir um conhecimento comum do grupo. Uma sequência didática, diz Medrano (2014), dirige os Itinerários, mesclando o uso de materiais digitais, ferramentas tecnológicas e os espaços de interação.

As atividades foram pensadas de forma que o participante pudesse ter a autonomia de fazer o seu itinerário individual, de acordo com sua

---

<sup>1</sup>Moodle (**M**odular **O**bject **O**riented Distance **L**Earning) é um sistema de gerenciamento para criação de curso on-line. Esses sistemas são também chamados de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ou de Learning Management System (LMS).O moodle é um software livre de apoio à aprendizagem e pode ser instalado em várias plataformas que consigam executar a linguagem php, tais como Unix, Linux, Windows, MAC OS. Seu desenvolvimento é feito de forma colaborativa por uma comunidade virtual, que reúne programadores, designers, administradores, professores e usuários do mundo inteiro e está disponível em diversos idiomas. Fonte: <http://www.moodlelivre.com.br/tutoriais-e-dicas-moodle/o-que-e-moodle>

<sup>2</sup> <http://www.dipity.com/>

<sup>3</sup> <http://www.scoop.it/>

<sup>4</sup> <http://www.google.com/+/learnmore/hangouts/?hl=pt-BR>

disponibilidade, os encontros presenciais virtuais foram agendados previamente e os participantes foram convidados a participar, independentemente de onde estivessem em seu percurso.

Em todo momento era possível acessar e fazer as atividades, que não tinham uma linearidade; ou seja, mesmo aqueles que porventura estivessem atrasados poderiam fazer o percurso.

A experimentação do uso das tecnologias em processos formativos - como uma maneira de ampliar as oportunidades de aprendizagem, potencializar o tempo e superar as dificuldades espaciais - vem se realizando ao longo de algum tempo, diz Medrano (2014). Assim, começou-se a desenhar situações em que seria possível fazer a formação leitora dos professores e demais profissionais da educação de forma que pudessem acessar a leitura, materiais e discussões com autonomia e com sua própria organização de tempo, porém mantendo uma mediação planejada.

A escolha pela obra de Guimarães Rosa para nortear este primeiro Itinerário Virtual deveu-se à importância do autor no cenário literário brasileiro, o que permite realizar análises literárias profundas e distintas. O autor seduz o leitor pela sua hospitalidade e respeito intelectual, segundo Medrano (2014), demandando empenho para envolver-se em sua construção literária. Para os participantes, foi uma oportunidade de ampliar experiências estéticas literárias por meio da leitura e da análise da obra deste escritor, que utiliza, diz Medrano (2014), a palavra de maneira distinta, desconstruindo e reconstruindo a língua para produzir uma linguagem poética, uma literatura muito particular.

Os interessados em participar deste primeiro experimento foram convidados pela instituição organizadora da iniciativa entre os membros da equipe interna e de outras instituições parceiras. Aproximadamente vinte e oito voluntários se inscreveram, sendo a grande maioria com ensino superior em diversas áreas do conhecimento. As primeiras informações sobre os participantes foram obtidas no primeiro fórum de apresentação, considerando-se que o papel assumido do pesquisador no estudo de caso era silencioso, sem participação ativa.

Foi organizado um espaço de interação permanente, onde existiam dois fóruns - um de notícias e outro para dúvidas e comentários - uma sala de bate-papo, uma linha do tempo com curiosidades e destaques sobre a vida e a obra

do autor, e um mural (Scoop-it), que foi sendo atualizado com novas informações ao longo do percurso. Neste espaço de interação, também foi disponibilizado um vídeo de apresentação aos itinerantes. Cada uma das semanas além das atividades com diferentes intencionalidades tiveram um tema específico evocando a vida e a obra do autor. Começando pelas “andanças pelo bairro”, em que a proposta era de que os participantes se apresentassem para se conhecerem virtualmente e acompanhassem os comentários dos colegas, interagindo no fórum. Depois, eles foram convidados a construir coletivamente uma linha do tempo, com a ferramenta Dipity, sobre o período de vida e produção de obras de Guimarães, relacionando fatos literários, culturais, políticos e sociais brasileiros que ajudassem na contextualização do autor e de sua obra. Passando depois pelos “jardins das casas, dos caminhos e das palavras” com a leitura do conto “Sequência. Chegando mais tarde na “porta da casa de Rosa” em que foi realizada uma análise colaborativa em Wiki, com mais detalhes de uma parte do conto lido na semana anterior indo em seguida “sentar-se no sofá, nas cadeiras, nas banquetas, nas almofadas e no tapete da sala” momento síncrono em que houve a realização do primeiro Hangout para o fechamento da construção coletiva do sentido do conto “Sequência” trabalhado nas semanas anteriores. A cada semana, foram disponibilizadas orientações gerais para os participantes, assim como os materiais necessários em formato digital - como as sínteses dos fóruns, o glossário, as ações dos personagens. Tudo foi disponibilizado na plataforma para ser acessado de acordo com a organização temporal do participante de forma assíncrona.

Depois na semana seguinte “com pé na sala e outro na cozinha” foi realizado um novo fórum de discussão, agora sobre o conto “Nenhum, nenhuma”, do Primeiras Histórias, de 1962, mesmo livro do conto anterior, “Sequência”. A proposta era reconhecer semelhanças e diferenças entre os dois contos. Depois, os participantes foram convidados a produzir uma frase no Wiki que representasse o que cada um compreendia e sentia sobre o autor e sua obra. Segue o que foi registrado por alguns dos participantes na plataforma:

Nos gerais de Guimarães alumio meu bernal de  
sensações. (Participante 1)

Nessa construção, conspira ação de palavras, vou adentrando seu jardim e conhecendo suas rosas. (Participante 2)

As rosas de Guimarães, suas pérolas, são novas palavras novas, construídas com sentimentos e sensações que envolvem, perfumam, invadem, fazem lembrar e dão saudades de um outro tempo, vivido, vivo ou não. (Participante 3)

Caminhando no “quarto para os olhos, escritório para os lábios” continuou-se a discussão do conto “Nenhum, nenhuma”, como preparação para o próximo encontro presencial virtual, via Hangout. Chega-se “no porão, ouvindo o coração” em que as atividades se aproximavam do fim, o último momento síncrono e realizou-se o encontro virtual, com o breve fechamento da discussão do conto “Nenhum, nenhuma” e a leitura compartilhada de trechos do conto “Meu tio luaretê”. Na última semana “do telhado para o mundo-de-meu-deus” foi disponibilizado um vídeo on-line de uma leitura do conto “Travessura”, do livro Tutameia, e organizou-se um álbum de fotografias com legendas, para os participantes mergulharem ainda mais no universo do autor.

### **Considerações finais**

Os depoimentos apresentados pelos participantes trouxeram a perspectiva de transformação do leitor de outrora no atual navegador, a partir da revolução instaurada com o texto eletrônico, que, segundo Chartier (1999), muniu o navegador de uma liberdade maior, nunca antes experienciada na trajetória humana.

A leitura é uma arte de fazer e o seu trabalho é, em grande parte, um processo de produção de sentido e de confirmação cultural, como diz Hébrard (2009). Dessa forma, a leitura popular ou erudita, em tela ou impressa, produz jogos de conotações e sempre será considerada como uma produção de sentido. A prática cultural de uma leitura pode ser compreendida, neste lugar de produção de sentido, de compreensão e de gozo:

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e

o elitismo não escaparão a ninguém. (GOULEMOT, 2009, p. 109)

Dessa maneira, ler é constituir - e não reconstituir - um sentido e a leitura, por conseguinte, é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário, afirma Goulemot (2009). A situação da leitura é, neste ponto de vista, a revelação de uma das virtualidades significantes do texto; é aquilo por meio do qual se atualiza uma de suas virtualidades, uma situação de comunicação particular, pois é aberta. De outro lado, o leitor, nessa relação com o texto, define-se por uma fisiologia, uma história e uma biblioteca. A situação de leitura pode ser definida como fora-do-texto, que também pode ser compreendida como uma história coletiva e pessoal, dividindo-se em dois lados: um que se liga ao contemporâneo e outro que constitui nossa marca e que opera para além do sentido das palavras e do agrupamento das frases. Sobre o texto impresso, diz o autor, existe uma posição (atitude) de leitura do corpo: *“sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé...”*. Além disso, existem também as atitudes próprias às gerações, aos aspectos técnicos (uso de abajur, por exemplo) ou climáticos; há uma disposição pessoal para a leitura, um rito. *“Somos um corpo leitor que cansa, fica sonolento, que boceja, experimenta dores, formigamentos, sofre de câibras. Há mesmo uma instituição do corpo que lê.”*

Do ponto de vista da situação de leitura, o texto eletrônico, como diz Chartier (1999), tem uma relação mais distanciada e não corporal; com a mediação do computador e do teclado instaura-se um afastamento entre o leitor e o texto, uma nova posição de leitura - no sentido corporal e físico - radicalmente original. Para Chartier (1999), esta revolução - fundada numa ruptura da continuidade e sobre a necessidade de aprendizagens novas e de um distanciamento com relação aos hábitos - tem poucos precedentes tão violentos na história da cultura escrita. Este momento atual poderia ser comparado com duas rupturas anteriores, menos brutais: uma quando, no início da era cristã, os leitores de *códex* ou *códice* se deligaram da tradição do livro em rolo, o que não foi fácil; e outra, no século XVIII, numa transição igualmente difícil, quando foi necessário adaptar-se a circulação efervescente e efêmera do impresso. Parece, assim, de modo geral, que estes leitores - os atuais e os de outrora, guardadas as proporções - defrontaram-se com um

objeto novo, que permitia novos pensamentos, mas que supunha o domínio de uma forma imprevista, que implicava em técnicas de escrita ou de leitura inéditas.

Os primeiros leitores eletrônicos verdadeiros não passam mais pelo papel. Nas experiências que foram feitas em torno da Biblioteca Nacional da França, envolvendo uma população de estudiosos ou grandes leitores profissionais, pôde-se observar que alguns dentre eles liam diretamente na tela as informações e os textos armazenados na memória de seu computador. Nos Estados Unidos, vê-se mesmo desenvolver a prática da leitura de conferências na tela do computador portátil, aberto pelo conferencista como era o caderno ou a pasta de papéis. Isto define uma figura do leitor futuro? Talvez. (CHARTIER, 2009, p. 95)

A experiência dos Itinerários possibilitou aos itinerantes transitar na ruptura da continuidade, através de situações de leitura muito interessantes, que proporcionaram novas atitudes para os leitores, por meio da cultura digital e de um conjunto de diversas ferramentas disponíveis atualmente na rede. O contato com a obra deste autor, que tem uma linguagem tão cotidiana e própria, foi muito significativo e revelou, pelas interações analisadas, muitas aprendizagens no percurso realizado. Em pouco tempo, o experimento foi muito positivo e mostrou que as práticas de leitura neste novo contexto social da cibercultura e do ciberespaço podem contemplar o leitor e também os navegadores, como chamou Chartier (1999). O que chamamos de literatura é um ato literário com perfil útil e representativo, segundo Bertolo (2014), sobre o qual se tem construído um espaço de inter-relacionamento social. Entendemos o ato literário como um singular uso do patrimônio público - que a linguagem representa - e sobre o qual nos constituímos como seres sociais que somos. A leitura tem sua raiz, afirma Bertolo (2014), na convicção de que é a realidade que nos acompanha é ela que *“lê conosco, ao mesmo tempo que, dialeticamente, essa realidade brota da leitura que efetuamos do que existe, material ou imaterial, tangível ou intangível”*. Toda leitura é, assim, pessoal e, por sê-lo, também é leitura compartilhada, comum, coletiva.

A leitura como espaço comum, visto à luz das impressões digitais que compõem nossa personalidade leitora. [...] Alguém disse que quando alguém se pergunta “Para que a leitura?” sem saber encontrou uma resposta: lemos para aprender a perguntar a nós mesmos porque lemos. (BERTOLO, 2014, p. 15)



Como se pode verificar no experimento dos Itinerários analisado, para Pais (2006), é inegável que as palavras são um meio de conexão com os outros; elas nos mascaram, mas também nos revelam, já que podemos nos revelar através das máscaras que usamos. A literatura, como disse Martins (2014), é um terreno fértil para a compreensão do real social e da maneira mais ampla possível, envolve, segundo Cândido (2011),

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção da escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 2011, p. 15)

Deste modo, aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, afirma Cândido (2011). Não se pode viver sem ela. Assim como sonhamos independentemente da nossa vontade, o sonho assegura a presença do universo fabulado em nossas vidas cotidianas, podendo-se dizer que *“a literatura é o sonho acordado das civilizações”*. A literatura tem o papel de desenvolver em nós a quota da humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Por humanização, Cândido (2001), entende

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade da vida dos seres vivos, o cultivo do humor. (CÂNDIDO, 2011, p.15)

A realidade pode ser compreendida como produto da leitura. Ao longo de sua história, a humanidade - entendida como conjunto de homens e mulheres - segundo Bertolo (2014), vem realizando sua existência, dentro de relações sociais concretas que a cada momento histórico aconteceram; e a realidade poderia ser considerada como o resultado de todas as leituras possíveis que foram produzidas ao longo desse desfile histórico. Como um livro aberto mas arbitrário, a realidade aparece como uma leitura plural que constrói, nomeia, interpreta, interroga, responde, julga ou nega e que nos é proposta.

Sabemos que essa pluralidade esconde e encerra um contínuo e dinâmico enfrentamento entre leituras individuais e coletivas que se afirmam, emergem ou enfraquecem de acordo com as posições de força e relevância que as condições sociais determinam para cada conjunto social, grupo ou classe em cujo interior são realizadas as leituras pessoais. Cada leitor lê na companhia de umas circunstâncias sociais e históricas que lhe proporcionam critérios, hábitos, referências, teorias ou escalas de valores, e em consequência, seria justo afirmar que é a realidade quem, definitivamente, lê. Ocorreria então que a leitura, enquanto modo de relação com a realidade, apresenta um rosto dialético, pois é leitura da realidade ao mesmo tempo em que é lida por ela. Um processo apaixonante no qual ninguém nem nada detém a última palavra. (BERTOLO, 2014, p. 92-93)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade.**

**Tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1974.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística.**

Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BERTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica.**

São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Era Da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.**

**A Sociedade em Rede.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005, vol.1.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger *et al* (org.). **Práticas da Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial de São Paulo, 1999;

DÁMASIO, Manuel José. **Tecnologia e Educação.** Lisboa: Editora Veja, 2007.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Martins Editora, 2014.

DARTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. Para a fundamentação de uma teoria dos processos sociais. In: WAIZBORT, I. e NEIBURG, F. (org.) **Escritos & Ensaios: 1. Estado, processo e opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1990.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro:LTC, 2011.

ISAACSON, Walter. **Os inovadores: Uma biografia da revolução digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEMONS, Andre; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus Editora, 2010.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVESTSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

MARTINS, José de Sousa. **Uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MEDRANO, Sandra Mayumi Murakami. Itinerarios Literarios Virtuales - una propuesta para formación literaria de profesores. In: **Anais do Simpósio Internacional de Literatura en pantalla**, 2014, Barcelona.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

PAYOL, Pierre. CERTEAU, Michel. e GIARD, Luce. (org.) **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich. Petrópolis, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PAIS, José Machado. Afetos Virtuais: em busca de conexão. In: **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas**. Porto: Ambar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo:  
Cortez, 2003.

TAPIAS, Jose Antonio Perez. **Internet e naufragos: a busca do sentido na cultura digital**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

TURKLE, Sherry. **A Vida no Ecrã: A Identidade na Era da Internet**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

VILCHES, Lorenzo. **Migrações Digitais**. Rio de Janeiro : Editora PUC-RIO São Paulo : Loyola, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. São paulo,  
Ed.Bookman, 2003.